

**UMA RESENHA CRÍTICA QUINHENTISTA DO LIVRO DE CARTAS
MÉDICAS DE GARCIA LOPES¹**

**A SIXTEENTH-CENTURY CRITICAL REVIEW OF THE BOOK OF
MEDICAL LETTERS BY GARCIA LOPES**

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA

emilia.oliveira@ua.pt

CLLC, Universidade de Aveiro²

<https://orcid.org/0000-0002-8433-9129>

ANTÓNIO M. L. ANDRADE

aandrade@ua.pt

CLLC, Universidade de Aveiro

<https://orcid.org/0000-0002-7456-6504>

Texto recebido em / Text submitted on: 24/04/2023

Texto aprovado em / Text approved on: 07/09/2023

Resumo

O médico Garcia Lopes, um cristão-novo natural de Portalegre, fez publicar um volume miscelânico, em forma epistolar, sobre diversos temas médicos durante a sua curta estada no empório do Escalda (Antuérpia, 1564). O autor e o

¹ Este artigo foi objeto de uma apresentação no seminário “A arte curativa entre os séculos XVI e XVIII: dos livros médicos de Amato Lusitano, Garcia Lopes e Rodrigo de Castro às farmacopeias”, organizado no âmbito do projeto “Humanismo, Diáspora e Ciência” do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, e realizado no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, no dia 23 de março de 2023.

² Este trabalho é financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04188/2020 e da celebração do contrato programa previsto nos números 4, 5 e 6 do art.º 23.º do D.L. n.º 57/2016, de 29 de agosto, alterado pela Lei n.º 57/2017, de 19 de julho.

livro regressaram a Portugal: do autor, sabe-se que findou os seus dias, de forma trágica, num auto da fé celebrado em Évora, em 1572; já do único livro que este publicou, em língua latina, não havia, até ao presente, conhecimento de qual teria sido a sua receção nos meios académicos e científicos do reino. Contudo, Jorge Godines, um médico cortesão dos reinados de D. João III e de D. Sebastião, organizou um códice magnífico de *epistolae medicinales*, no qual incluiu uma autêntica recensão crítica ao livro de Garcia Lopes, sob o sugestivo título *Summa quaedam eorum quae aduertimus in libello Garciae Lopii*, ou seja, “Súmula do que criticamos no livrinho de Garcia Lopes”. Ora, o presente estudo centra-se, em particular, na análise deste texto singular, no quadro da relação óbvia que o mesmo estabelece com a obra escrutinada, trazendo à luz um aceso debate científico entre dois médicos portugueses contemporâneos, esmiuçando e avaliando as diferentes críticas e reparos feitos por Jorge Godines aos capítulos do livro de Garcia Lopes, bem reveladores da riqueza, da acuidade e da atualidade do debate médico no Portugal de Quinhentos.

Palavras-chave: *epistolae medicinales*, correspondência erudita e científica, Humanismo Renascentista Português, Garcia Lopes, Jorge Godines, debate médico.

Abstract

Garcia Lopes, a New Christian physician born in Portalegre, published a miscellaneous volume, in epistolary form, dealing with various medical topics, during his short stay in the emporium of the Scheldt (Antwerp, 1564). Both the author and the book returned to Portugal: the author is known to have ended his days tragically in an *auto da fé* celebrated in Évora, in 1572; as for the only book Lopes published in Latin, there was no information to date regarding its reception in the academic and scientific circles of the kingdom. However, Jorge Godines, a court physician during the reigns of King John III and King Sebastian, organized a magnificent codex of *epistolae medicinales*, in which he included an authentic critical review of Garcia Lopes' book, under the suggestive title *Summa quaedam eorum quae aduertimus in libello Garciae Lopii*, or “Summary of what we criticized in Garcia Lopes' booklet”. The present study focuses specifically on the analysis of this remarkable text, in the context of the manifest relationship it establishes with the work under scrutiny, bringing to light a heated scientific between two contemporary Portuguese physicians, examining and appraising the different criticisms and comments made by Jorge Godines to the chapters of Garcia Lopes' book, and therefore revealing the richness, the acuteness and the actuality of the medical debate in 16th century Portugal.

Keywords: *epistolae medicinales* – learned and scientific correspondence, Portuguese Renaissance Humanism, Garcia Lopes, Jorge Godines, medical debate.

O médico Garcia Lopes (Portalegre ca. 1520 – Évora 1572)³ publicou em 1564, em Antuérpia, um livro de carácter miscelânico sobre diversos temas médicos⁴, que se aproxima bastante das *epistolae medicinales*, um género de grande sucesso cujas linhas demarcadoras foram traçadas por Giovanni Manardo (1462-1536), quando deu à estampa as suas *Epistolae medicinales in quibus multa recentiorum errata et antiquorum decreta reserantur* (Ferrara, 1521), que haveriam de se constituir como obra fundadora deste novo subgénero de carácter narrativo⁵. Até ao presente, o livro do médico portalegrense constituía a única obra de um autor português

³ Depois de se bacharelar em Artes e Medicina na Universidade de Salamanca, exerce clínica em Portugal durante cerca de treze anos, função que acumula com a arrematação das terças reais. Por não conseguir dar conta dos dinheiros arrecadados, foge primeiramente para França e depois para a Flandres, vivendo cerca de dois anos em Antuérpia, onde publica a sua obra. Regressa então (1564) ao torrão natal, mas os seus problemas com a Inquisição conduzem-no à morte num auto da fé, em Évora. Este e outros dados biográficos aqui evocados foram coligidos e divulgados por Carvalho 1930: 8-15. O autor tomou por fonte o processo movido pela Inquisição de Évora contra Garcia Lopes (proc. n.º 171), disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2362211> (acedido a 10 de abril de 2023). Relevantes são também as informações constantes do processo movido pela Inquisição de Évora (n.º 11422) contra Inês Lopes, prima do médico alentejano. Sobre este documento, leia-se o estudo de Henriques (da Carnota) 1898: 176-180. Igualmente proveitosa será a leitura dos trabalhos de Correia 2018: 47-60, Mendes 1993 e Pinto 2020.

⁴ Integram o livro 27 capítulos em 86 fólhos; “escritos em diferentes épocas, uns são comentários a obras clássicas de medicina, outros são cartas que em geral respondem a consultas que amigos do autor, profissionais ou leigos, lhe faziam (Carvalho 1930: 10). O carácter miscelânico da obra e a sua vinculação ao género epistolar têm sido realçados por diversos estudiosos, como Pérez Ibáñez 2008: 11, n. 34, que a define como “una obra miscelánea en buena parte en forma epistolar”) e Castro 2011: 84, que a considera “uma miscelánea bem organizada de comentários, uma reunião de epístolas a personagens e a colegas (eis porque é o único redigido na primeira pessoa).” De facto, os *Commentarii de uaria rei medicae lectione* são um texto extraordinariamente rico. Nele encontramos referências ao percurso biográfico do autor, o relato de episódios vividos com pacientes, o elogio de amigos, mestres e autoridades políticas e eclesiásticas, comentários a fragmentos de Hipócrates e Galeno, considerações sobre o método de colegas de profissão coevos, a par da descrição científica de doenças à luz dos conhecimentos da época e, não raras vezes, de propostas de intervenção terapêutica. Para um conhecimento mais profundo e abrangente da obra e do estilo do autor, leiam-se, ainda, os trabalhos de Mendes 1993, Pérez Ibáñez 1997: 69-70; 164-7 e Pinto 2020.

⁵ Para uma caracterização deste género do discurso médico erudito, são de grande valia os estudos de Maclean 2008 e 2009 (mormente o cap. 4, “The diffusion of Learned Medicine in the Sixteenth Century through the Printed Book”, 59-86); Pomata 1996 e 2005; Siraisi 2013.

passível de ser incluída neste género que rapidamente se tornou um meio por excelência para publicitar a troca e o confronto de ideias entre alguns dos médicos humanistas europeus mais reputados do século XVI, como Luigi Mondella (m. 1553), Giovanni Battista Teodosi (m. 1538), Johannes Langius (1485-1565), Pietro Andrea Mattioli (1500-1577), Conrad Gesner (1516-1565), Vittore Trincavelli (1496-1563), Johannes Crato von Krafftheim (1519-85), entre tantos outros autores de colectâneas de cartas médicas nos séculos XVI-XVII⁶.

Contudo, a situação de menor representatividade deste género no contexto português, sofreu uma alteração profunda, porquanto tivemos a sorte de localizar um códice magnífico, preparado para ser levado ao prelo, com cerca de oito dezenas de *epistolae medicinales*, da autoria de um médico cortesão português, inteiramente desconhecido no quadro da história do humanismo e da medicina portuguesas, de seu nome Jorge Godines⁷. Este conjunto notável de cartas, pela forma como se apresentam dispostas no códice, cuja organização final é possível datar, através do colofão, no ano de 1558, estava claramente preparado para ser publicado em letra de forma, o que nunca veio a acontecer por razões que até ao presente não

⁶ Leia-se Maclean 2008, que inclui um Apêndice, 29-30, com a lista das coletâneas de *epistolae medicinales* publicadas entre 1521 e 1626 (“Appendix II: Published collections of medical letters 1521-1626, in approximate date order”), republicado em Maclean 2009, 85-86.

⁷ O manuscrito encontra-se à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal (Cod. 7198), tendo sido estabelecidos, na antiga ficha do catálogo bibliográfico, o encabeçamento de autoria em “Godinho, George” e o título, em português, “Cartas de George Godinho Medico del Rey D. João 3.o sobre as falsas opiniões de Galeno, Averroes, e outros Autores Árabes. E Dissertassoens várias sobre m[uit]as enfermidades, e seos remedios”. No que respeita ao título referido, importa sublinhar que não é possível encontrá-lo registado em qualquer parte do códice. Já quanto à grafia do nome, o autor assina como “George Godynez” quando escreve em castelhano e “Georgius Godinez” quando escreve em Latim. Tomámos a decisão de usar a versão portuguesa “Jorge Godines”, uma vez que o apelido ‘Godines’, embora menos frequente do que ‘Godinho’, se encontra documentado em Portugal no século XVI. Sobre Jorge Godines, leiam-se Martinho & Andrade (2022). Tomamos a liberdade de referir também o nosso trabalho aceite para publicação: E. M. R. de Oliveira (2023), “*Essetne cristallus aqua congelata ex impenso frigore dicta glacies uel lapis concretus instar adamantis*: tradición clásica, humanismo y medicina a propósito de un *consilium* sobre el cristal de roca”, em curso de publicação no volume J. M^a. Maestre Maestre, S. I. Ramos Maldonado, M. A. Díaz Gito et alii, *Elio Antonio de Nebrija. Humanismo y Poder*, Instituto de Estudios Humanísticos, Universidade de Lisboa, Universidad Nacional Autónoma de México, decorrente do congresso internacional ocorrido em julho de 2022, em Lebrija, terra natal do célebre humanista castelhano.

nos foi possível apurar. Em razão disso, o próprio Jorge Godines, nos anos subsequentes à preparação desta primeira parte das suas *epistolae medicinales*, cuja redação terá ocorrido a partir do pontificado de Júlio III, durante a década de cinquenta, continuou a inserir, pela sua própria mão, novas cartas e outros textos nos espaços que haviam permanecido livres entre as cartas dispostas primeiramente, ocupando estes novos textos, com frequência, fólios em branco e espaços sobranceiros em final de página ou mesmo nas próprias margens, no topo e na base das folhas.

Ora, o objeto central do presente estudo é precisamente um destes textos que Jorge Godines acrescentou, mais tarde, ao seu códice de cartas médicas, depois de ter lido o livro de Garcia Lopes que, segundo refere, alguém lhe fez chegar às mãos, o que nos permite saber, a partir da data de impressão do livro, que o texto em análise foi redigido em, ou após, 1564.

Na verdade, Godines redige uma autêntica recensão crítica do livro de Garcia Lopes, para fazer uso de uma designação usual no âmbito da edição académica dos nossos dias, a que dá o sugestivo título de *Summa quaedam eorum quae aduertimus in libello Garciae Lopii*, ou seja, “Súmula do que criticamos no livrinho de Garcia Lopes”⁸. O livro do médico alentejano está organizado em 27 capítulos, não raras vezes em forma epistolar e com um destinatário expresso, nos quais são abordadas, com maior ou menor profundidade, questões várias da medicina. Em geral, Godines organiza quase sempre a sua apreciação de cada um dos capítulos/cartas de Lopes pela ordem por que estes/as foram publicados/as no livro do colega alentejano, como se de uma autêntica tabela se tratasse, com indicação à cabeça da numeração de cada uma das cartas recenseadas (e.g. # *Singula primae epistolae...*; # *In secunda epistola tractat...*; # *In tertia epistola assumpsit...*, etc.).

O título que Godines atribuiu a este texto prenuncia, desde logo, a existência de um acalorado debate científico nos meios culturais e científicos portugueses, mormente entre estes dois médicos, quiçá, até, acirrado por alguma espécie de rivalidade de carácter pessoal, o que se confirma, como se verá, não só nos comentários explanados sobre cada uma das cartas que

⁸ A *Summa* terá sido redigida pela mão do próprio autor nos anos subsequentes à preparação da primeira parte da colectânea de *epistolae medicinales*, mais precisamente, de 1564 em diante, e pode ser lida, por esta ordem, nos fólios 125v, 110r-110v e 111r. O autor começou por ocupar o espaço sobranceiro em final de página no fol. 125v, para continuar a escrever nos fólios 110r-110v (incluindo as margens, o topo e a base), que haviam ficado em branco, terminando na margem esquerda e no topo do fólio 111r.

adiante analisaremos, mas, desde logo, no parágrafo inicial de enquadramento que precede a lista ordenada das entradas com a apreciação crítica:

Súmula do que criticamos no livrinho de Garcia Lopes

Ao passarmos os olhos pelo livrinho que Garcia Lopes compôs sobre leitura variada de assunto médico, muito nos aprouve a lição em mui douta língua e o modo de escrever, mas anotámos nas margens daquele livrinho – porquanto nos foi cedido – certas coisas que menos agradaram. E para que se não apagassem da nossa memória, uma vez que estava ao nosso alcance reler, uma vez mais, vagarosamente, o livrinho, pareceu-nos bem transcrevê-las, uma a uma, para aqui, como que para uma tabela⁹.

Assim, no brevíssimo comentário à primeira carta de Garcia Lopes, cujo tema é a podagra¹⁰, afirma Godines:

As palavras da primeira carta sobre os eunucos foram tomadas, à letra, uma a uma, do comentário de Fuchs sobre o mesmo aforismo¹¹.

O passo em questão é o aforismo 6.28: *Eunuchi nec podagra laborant, nec calui efficiuntur*¹², “Os eunucos não sofrem de podagra nem ficam calvos”. Godines acusa Garcia Lopes de basear inteiramente a primeira carta da coletânea no comentário de Leonhart Fuchs ao mesmo aforismo. Do cotejo das palavras de ambos os autores, concluímos haver, de facto, algumas semelhanças, por exemplo, na divisão e classificação dos *eunuchi*

⁹ Fol. 125v: *Summa quaedam eorum quae aduertimus in libello Garciae Lopii. Sequens transcursum libellum de uaria rei medicae lectione quem composuit Garcias Lopius, placuit mirum in modum doctissima lingua lectio et scribendi modus sed quaedam quae minus arriserunt ad marginem scripsimus libelli illius, erat enim commodatus nobis. At ne exciderent e memoria quia alias cominus erat per otium libellum relegere placuit singula hic tanquam in tabellam traducere.* A edição e a tradução dos excertos doravante apresentados são da nossa autoria.

¹⁰ Fols. 1r-4v: *De podagra ad Michaellem Montanum, ubi exponitur Hippocratis sententia extra communem multorum opinionem. Caput I.*

¹¹ Fol. 125v: *# Singula primae epistolae de eunuchis sumpta sunt ad uerbum e Fuchsii commentario in eundem aphorismum.*

¹² Cf. Kühn 18: 40-43.

em *tres species* ou *genera* (*castrati*, *thlibiae* e *spadones*)¹³, ou na apresentação das *tres causae* apontadas por Galeno no seu comentário ao mesmo aforismo que justificam o facto de os eunucos não sofrerem de podagra. A saber: primeiramente, porque não levam uma vida ociosa; em segundo lugar, porque se abstêm dos prazeres de Vénus, que enfraquecem muito as articulações e os pés; em terceiro, porque seguem uma dieta equilibrada:

Fuchs 1545: 493	Lopes 1564: fol. 3v
<i>Primo, quod non uterentur prorsus ocio, sed mulieribus inseruiebant. Secundo, quia non utebantur coitu, qui neruosas partes, praesertim articulos ac pedes, maxime ubi immodicus fuerit, plurimum debilitat. Tertio, quod moderata uictus ratione utebantur.</i>	<i>Primo, uidelicet, quod nunquam ocio uacabant. Secundo, quod a Venere abstinebant, quae articulos et pedes (maxime si immodica fuerit) plurimum eneruat. Tertio, quod temperata uictus ratione utebantur.</i>

Como se pode verificar pelas palavras usadas, a literalidade de Lopes relativamente a Fuchs é manifesta, não obstante as ligeiras variações lexicais e sintáticas introduzidas. A crítica de Godines parece-nos, contudo, exagerada. Apesar das semelhanças, não podemos, de todo, afirmar taxativamente que Lopes tenha transcrito, na íntegra, o conteúdo do comentário de Fuchs.

A segunda carta do livro de Garcia Lopes é dedicada ao uso do sangue de bode no tratamento dos cálculos renais¹⁴. Nela, o médico portalegrense acusa Jacques Dubois de aplicar a este sangue, erradamente, nos seus comentários ao livro de Hipócrates *De natura humana*, uma frase do médico de Cós: *In his quae iugulantur, sanguis fluit primum calidissimus, et ruberrimus. Deinde pituitosior, et biliosior*, “Nos que são degolados, o sangue, primeiramente, flui muito cáldo e muito rubro; depois, é mais pituitoso e bilioso”. Na opinião de Lopes, esta afirmação deveria aplicar-se ao sangue humano, porquanto Hipócrates se referia, naquele contexto, à natureza humana, não à de outros animais, como o boi ou o bode, cujo

¹³ Fuchs 1545: 491: *Eunouchos enim graecis [...] nomen est generale, et in tres species diuiditur. Quoniam eunuchorum alii sunt spadones, quidam thlibiae, aliqui castrati. Et castrati quidem sunt...*; Lopes 1564: fol. 3v: *Eunouchos igitur generale nomen est, et in tres species diuiditur; spadones uidelicet, et thlibias, et castratos. Castrati uero...*

¹⁴ Fols. 4v-6v: *De sanguine hirci elegendo pro calculosis contra Iacobum Siluium. Caput II.*

sangue intermédio¹⁵ devia ser melhor, por não ser tão cáldo nem tão fino quanto o primeiro sangue, nem pituitoso quanto o último sangue¹⁶.

Contudo, no entender de Godines, o verdadeiro problema de interpretação não reside na aplicação da frase hipocrática ao sangue de bode, mas na escolha entre o primeiro sangue e o que é colhido posteriormente, o sangue intermédio. Afirmo, pois:

Na 2.^a epístola trata do sangue de bode intermédio. Diz, também, que todos os autores escolhem o sangue intermédio e que, por isso, Jacques Dubois erra porque diz que esse erro dos práticos não deve ser cometido, porquanto Hipócrates afirma que o primeiro sangue, nos degolados, flui calidíssimo e mais fino¹⁷, mas Jacques [Dubois] não erra, uma vez que aconselha, na sua *Practica*, assim como todos os práticos, que se use o [sangue] intermédio¹⁸. Contudo, quando avalia a situação mais cuidadosamente e perscruta o que foi dito por Hipócrates, afirma ser desnecessária aquela escolha. Aduzido o argumento das palavras de Hipócrates, não é possível a Garcia Lopes ignorá-las, pois se o primeiro sangue é mais fino e quente, conforme afirma também o próprio Garcia, é, por conseguinte, melhor para tratar a pedra [dos rins], e insensata a sua exposição, porque, quer fale do sangue do bode, quer fale do sangue do homem, será sempre verdade que é mais fino o sangue que primeiramente flui¹⁹.

¹⁵ O *primus sanguis* é o sangue que corre no início da sangria, com mais força; o *medius sanguis* é o que corre num segundo momento; o *postremus sanguis* é o último sangue, que já não corre, mas goteja.

¹⁶ Fol. 6r: *Dicam tamen Hippocratis sententiam, in hominis iugulati sanguine uerissimam esse, quam ad hircorum sanguinem contorquet Siluius. Hippocrates enim de natura hominis agit, ad quam omnia quae disserit referenda sunt; non tamen ad naturam aliorum animalium, ad bouem scilicet, aut hircum, cuius iugulati sanguis medius, melior esse debet; eo quod totus quo abundat biliosus, acer, et acutus est, et qui prius exierit, subtilior et calidior esse debet, medius non ita subtilis aut calidus, ultimus iam aliquid habeat pituitae, et ob id non probatur; sit itaque, ut medius melior sit caeteris.*

¹⁷ Dubois 1540: 43: *Quod autem sanguinem optimum, id est, calidissimum et ruberrimum a iugulato animali primum uacuari dicit, errorem Praticorum tollit, ex hirco iugulato medium sanguinem solum colligentium ad calculum.*

¹⁸ Dubois 1549: 186: *Deinde Augusto mense decollaueris, sanguinemque medium, non primum, nec postremum, scutellis multis collectum, dum concretus est, tessellatim sectum siccaueris in umbra. Sed ex hirco, uulpe, lupo, et similibus, uiuis, calentem adhuc sanguinem haurire praestantius fuerit: quod nonnullos magno successu tentasse audio, nulloque periculo: addebant enim aliquid coagulati, ne in uentriculo glaciaretur.*

¹⁹ Fol. 125v: # *In 2.^a epistola tractat de hirci sanguine medio dicitque auctores omnes eligere sanguinem medium et proinde Iacobum Siluium errare quia dicit errorem hunc*

Nem mesmo Dubois escapa à pena impiedosa de Godines. Ao invés de discutir se se devia usar sangue de bode ou sangue humano, Garcia Lopes deveria ter centrado a sua análise numa contradição do médico francês, o qual ora repreende nos práticos o uso de sangue intermédio, ora assume seguir o costume de usar sangue intermédio de bode. Também ele deveria ter refletido melhor sobre as palavras do mestre Hipócrates...

Muito melhor teria feito, portanto, Garcia Lopes se tivesse advertido para a contradição em Dubois, o qual, nos comentários aos livros *De natura humana*, repreende os práticos que escolhem o sangue intermédio e, no livro da *Prática*, diz que se deve escolher, para preparação, o sangue intermédio do bode, isto somente porque, na prática, segue o hábito e o uso adotado por todos os práticos. Nos comentários de Hipócrates, quis expor a questão e perscrutar mais as causas, o que quase sempre acontece. Tê-lo-ia feito, de novo, e melhor se expusesse nos citados comentários as palavras de Hipócrates, onde afirma: depois, mais bilioso²⁰.

Na terceira carta, dirigida a D. André de Noronha, bispo de Portalegre, autoridade religiosa e política cuja proteção importava granjear, Garcia Lopes propõe-se expor “se é lícito que uma criança de sete anos se mude [por razões de saúde] do lugar em que nasceu”²¹. A criança em questão é

practicantium non esse ferendum siquidem Hippocrates ait iugulatis priorem sanguinem fluere calidissimum et subtiliorem, sed non errat Iacobus siquidem in sua Practica et consulit ut medius summatur cum practicis omnibus, sed cum rem perpendit diligentius et scrutatur dicta Hippocratis dicit esse superuacaneam illam electionem. Addita ratione ex Hippocratis uerbis quae fugere non potest Garcias quia si subtilior et calidior est sanguis prior ipso etiam fatente Garcia igitur ad conferendum lapidem aptior et expositio sua inepta, quia siue loquatur de sanguine hirci siue hominis semper est uerum esse subtiliorem sanguinem qui prius fluit.

²⁰ Loc. cit.: *Multo fecisset proinde melius Garcias si contradictionem in Siluio aduerteret, qui in commentariis ad libros De natura humana reprehendit practicos medium sanguinem eligentes et in libro Practicae dicit medium esse eligendum ad parandum hirci sanguinem quod solum quia in praxi secutus est morem et usum practicantium omnium. In commentariis Hippocratis uoluit rem exponere et causis magis scrutari quod plerumque euenit. Fecisset secundo melius si exponeret uerba Hippocratis in citatis commentariis ubi ait deinde biliosior.* Efetivamente, a frase de Hipócrates glosada por Dubois 1540: 42, completa, seria: *Iam iis qui iugulantur; sanguis fluit, primum calidissimus, et ruberrimus, deinde pituitosior, et biliosior.*

²¹ Fols. 6v-8v: *An liceat puerum septennem transmutari a loco, in quo natus est, ad Dominum D. Andream Noronnam illustrissimum, ac reuerendissimum Episcopum Portalegrensem. Caput III.*

o rei D. Sebastião. Conforme afirma Pinto, “a insignificância da distância e a quase inexistente diferença de clima” entre Lisboa e Santarém, “ao suscitarem tão desproporcionada inquietação nos súbditos, aparece-nos quase como um símbolo do acrisolado amor de que foi objeto o *Desejado*, pelo menos nos primeiros anos de vida²².” Ora, no seu comentário a esta terceira carta, afirma Godines:

Na 3.^a epístola assumiu dever provar que uma criança de sete anos pode mudar-se sem prejuízo para uma região diferente, mas comprovou ser menos prejudicial para as crianças transferi-las na primavera²³.

Com estas breves e cáusticas palavras, o que Godines pretende dizer é que Garcia Lopes se propôs fazer uma coisa (comprovar que uma criança de sete anos pode mudar-se sem prejuízo para uma região diferente), mas acabou por fazer outra, isto é, acabou por centrar o seu discurso na demonstração de que a primavera é a estação mais saudável de todas as estações e, pela sua calidez e humidade, a mais favorável às crianças, cuja compleição também é cálida e húmida. Garcia Lopes, deduzimos, desviara-se do objetivo a que se propusera.

A quarta carta é dedicada às propriedades medicinais da romã²⁴. Godines aponta variadas críticas ao seu autor. Em primeiro lugar, acusa-o de ter reproduzido integralmente o comentário de Amato Lusitano sobre a romã, a ponto de considerar que Lopes poderia, simplesmente, ter remetido o leitor para a *enarratio* amatiana²⁵:

Na 4.^a epístola trata das romãs. Tomou tudo de Amato Lusitano. Poderia ter-nos remetido para ele. Quer criticar Amato, mas nada colige na sua reflexão, como é evidente²⁶.

²² Pinto 2020: 148.

²³ Fol. 125v: # *In 3^a epistola assumpsit probandum septennem puerum posse transmutari sine periculo ad diuersam regionem, sed probauit pueris in uere minus noxiam esse transmutare.*

²⁴ Fols. 8v-12r: *De facultate et usu mali punici, Granati dicti, epistola Hispanice a me scripta D. Ioanni de Vargis, et in usum medicum iterum per me Latine facta. Caput IIII.*

²⁵ Amato Lusitano 1553: 136-138 (*En.* 1.138, *De malo punico*).

²⁶ Fol. 125v: # *In 4^a epistula tractat de punicis. Sumpsit omnia ex Amato Lusitano. Poterat ad illum nos remittere. Vult reprehendere Amatam sed ille nihil colligit in sua ratione ut constat.*

Esta crítica, a nosso ver, não é inteiramente justa. É verdade que em alguns momentos as duas reflexões se aproximam (sobretudo no que tange à tipificação da romã²⁷), mas também é certo que Garcia Lopes diverge de Amato no que concerne ao uso terapêutico do fruto²⁸.

A segunda crítica prende-se com a superficialidade da análise de Lopes, o qual não se revelou capaz de resolver a aparente contradição apresentada entre dois passos sobre as romãs, um de Dioscórides (que defende que as doces são consideradas mais apropriadas para o estômago) e outro de Plínio (que postula não terem as doces préstimo algum para o estômago)²⁹. Lopes poderia, se fosse mais rigoroso na sua análise, ter resolvido a questão, recorrendo à autoridade de Avicena, ou até mesmo de Girolamo Cardano, que já haviam tratado o tema³⁰:

Acrescenta também o passo de Dioscórides e de Plínio, que divergem, mas admira-me por que não resolveu as contradições. Poderia, no entanto, se quisesse, ter deduzido de Avicena as respostas, por que as doces são benéficas, as temperadas são benéficas, mas as quentes provocam desconforto no estômago; as acres, por causa da agrura, provocam irritação e são prejudiciais; as vinosas ou pouco ácidas, contanto que o estômago seja abundante em bílis, são benéficas, fortalecendo-o. Sobre elas, [dissertou] Cardano nas suas *Contradictiones*³¹.

²⁷ São cinco os tipos de romã identificados pelos autores médicos desde a Antiguidade. Afirma Amato: “Dela, estabelece Plínio, no livro 13, capítulo 19, cinco espécies, a saber: a doce, a acre, a mista, a ácida e a vinosas. Dioscórides, à maneira de Hipócrates, resumiu-as a apenas três: a doce, a ácida e a vinosas; não situa a acre na ácida, nem a mista na vinosas. Os mais modernos, porém, referem a doce, a acre e a de sabor intermédio, à qual os Árabes chamam *musum*; na falta desta, usam, em seu lugar, a doce e a acre misturadas.”

²⁸ Sobre a tipificação e os usos terapêuticos da romã, leia-se Oliveira 2022.

²⁹ Segundo Dioscórides, e nas palavras de Lopes 1564: fol. 10r, qualquer romã é sucosa, benéfica para o estômago e de baixo valor alimentício; as doces são consideradas mais apropriadas para o estômago (*Malum punicum omne boni succi est stomacho utile, per exiguum sufficiens alimentum, dulcia, stomacho utiliora habentur*); quanto a Plínio (lib. 23, cap. 6), as doces são consideradas inúteis para o estômago: *Ex his dulcia, quae alio nomine aperynta appellamus, stomacho inutilia hebentur* (fol. 10v).

³⁰ Vide Cardano: 1548: 128 (*Contr. 12, Mala granata an uentriculo noxia*).

³¹ Fol. 125v: *Adducit etiam locum Dioscoridis et Plinii pugnantes sed miror quare non soluerit contradictiones. Sed ex Auicenna potuit si uellet colligere responsiones quod dulcia iuuant, temperata iuuant sed in uentriculo calida subuersionem pariunt, acria ob acrorem stimulant et laedunt, uinosa aut parum acida dum uentriculus bile redundat iuuant[n]t confortando. De quibus antea Cardanus in suis Contradicentibus.*

Em terceiro lugar, Godines acusa Lopes de interpretar abusivamente um passo de Galeno. De facto, ao recuperar um episódio clínico narrado pelo médico de Pérgamo no capítulo 3 do livro 10 do tratado *De methodo medendi*, de acordo com o qual o próprio ofereceu grãos de romã a um jovem febricitante, o portalegrense afirma que os bagos e o suco do fruto constituem medicamento revigorante e eficaz no restabelecimento de doentes com febre:

Este passo revela que a romã é extraordinariamente benéfica para o estômago. Galeno confirma-o de um modo não menos sapiente do que o habitual no livro 10 de *De methodo medendi*, capítulo 3, onde, com muita elegância e vivacidade, expõe o caso de um jovem febricitante que, por indicação de uns médicos ignorantes, ficara fraco e debilitado pela privação de alimentos. Tendo-se ele próprio [i.e. Galeno] aproximado dele, usou álica preparada com água quente, sem cozedura, depois de nela ter deitado grãos de romã. “E, de facto”, afirma ele, “este é um ótimo alimento para um estômago bilioso, pois a romã fortalece-o.”³²

Apoiado na autoridade de Oribásio e Galeno, acrescenta que a romã, não obstante ser pouco nutritiva, tem um sabor agradável e é digestiva, o que, por si só, faz dela um excelente medicamento, e conta ter sido acerrimamente criticado por um médico implacável que o censurou precisamente por ter oferecido bagos de romã a um febricitante³³. Contudo, adverte Godines, a

³² Fols. 10v-11r: *Quo loco malum punicum uentriculo mirum in modum conferre ostenditur. Quod Galenus non minus erudite quam solet confirmat libro 10 Methodi medendi, capite 3, ubi elegantissime, et festiuissime febrientis cuiusdam iuuenis narrat historiam; qui quorundam imperitorum medicorum consilio inedia confectus, et extenuatus erat, ad quem, cum accessisset ipse, alica ex aqua calida, citra cocturam, iniectis in eam mali punici granis usus est. Est namque, inquit ille, is optimus cibus bilioso stomacho, nam et roborat hunc malum punicum.*

³³ Fols. 11r-11v: *At malum punicum cum perexiguum, teste Oribasio libro 1, capite 51, omnino corpori alimentum praebeat, et illo pro medicamento, quam pro alimento utimur; suaue etiam est, cur non suauitatis gratia, febrientibus degustandum propinabimus? Nonne Galenus ipse docet libro 1 Artis curatiuae ad Glauconem capite de Tertiana febre ex fructibus illos degustandos esse qui non sunt difficiles concoqui? Quis tamen negabit mala punica facili non esse concoctionis cum eorum subtilitas id praespiciue [perspicue] ostendat? Nemo sane nisi fuerit medicellus aliquis, qui tum temporis aliquid se scire existimat, cum uno aut altero, Galeni, aut Hippocratis loco ex indice reperto, qui aliquo modo contrarius uidetur, sibiipsi, aut alicui alteri, statim medicos alioqui doctos reprehendit ac calumniatur, ut mihi contigit alias, cum quodam miserae conditionis medico, qui, cum mali punici grana*

romã não deve ser usada em febres provocadas por obstrução. Para evitar este erro, bastaria que Lopes tivesse sido mais criterioso na interpretação do passo de Galeno e lido o que afirma Lionardo Giacchini sobre o assunto:

Na mesma epístola aduz [o caso de] um “medicozeco”³⁴ que condenou o uso de romãs nas febres, porque dele escarnece, mas este assunto deveria ser discutido mais aturadamente, porquanto aquilo que o “medicozeco” contrapunha baseado em Galeno é verdade. Além disso, no passo citado, Galeno oferece grãos de romã nas febres, mas, provavelmente, não tinham adstringência, e prevê o sintoma, isto é, o desmaio, como bem demonstrou, noutro lugar, Giacchini,³⁵ ao afirmar que se devia dizer que as romãs doces não são apropriadas para as febres agudas; nas [febres] terças, porque não são agudas, são apropriadas, mas as ácidas são admissíveis nas agudas, contanto que não exista nenhuma suspeita de adstringência³⁶.

Segundo Lopes, não é apenas na cura de febres que a romã pode e deve ser usada. Em contraciclo, uma vez mais, com outros colegas de profissão, desta feita, escudado na *auctoritas* de Avicena, o médico defende, com denodo, as virtudes terapêuticas do fruto no tratamento do pleuris. Assume oferecer romãs doces aos pleuríticos por acreditar que a doçura

cuidam febricitante, cuius curam habebam degustanda praeberere, in cibum illum uenenum ita debacchatus est, ut rogarem illum qui tantopere alimentum, illud damnaret. Tunc ille respondit, Galenus cuius auctoritas apud te pluris sit quam centum aliorum libro 13 Methodi medendi capite 14 scribit haec uerba: “Nam malum punicum, et caetera quae adstringunt, dum bilis meatus os arctant, bilem ipsam excerni prohibent, atque inde iocinoris phlegmonis sunt incommoda.”

³⁴ Godines recupera o diminutivo *medicellus*, usado pejorativamente pelo próprio Garcia Lopes para se referir ao dito médico.

³⁵ Giacchini 1625: 6: *Dicendum est, quod non temere admittendum est praeceptum illud Galeni, et experientia minime contemnenda, scilicet distinguendum, quod cum Galenus uult, acida non esse adhibenda, quia habent adstrictionem, intelligit de acidis, quae participant acerbitem; sed si sint acida, quae non habeant adstrictionem, quia conveniunt febre ratione frigiditatis, et incisionis, quam habent, non erunt inconuenientia, ut punica acida, et omnia, quae solum sunt acida, sine ulla adstrictione.*

³⁶ Fol. 125v: *In eadem epistola adducit quendam medicellum qui damnauit usum punicorum in febribus illis quia irridet sed longius erat disputanda res illa siquidem quod medicellus ex Galeno obiiciebat ueritas est. In citato autem loco Galenus concedit grana punici in febribus illis sed illae forsan erant sine obstructione et prouidet simpthomati id est deliquio ut alias bene declarauit Iachinus inquiens dicendum erat quod acutis febribus non conueniunt dulcia punica; in tertianis quia non sunt acutae conueniunt sed in acutis competunt acida dum nulla est obstructionis suppositio.*

que apresentam tem a faculdade de acalmar o peito. Ademais, mesmo que o fruto tenha propriedades adstringentes, acrescenta, essa adstringência – que, na opinião de alguns, é prejudicial aos pleuríticos – ao invés de promover a retenção dos espútos, favorece a sua expulsão. As substâncias adstringentes são de qualidade seca, e essa secura robustece os músculos e os nervos, tornando-os mais eficazes no processo de excreção dos humores retidos³⁷. É precisamente sobre o uso da romã no tratamento do pleuris que Godines afirma ter dúvidas. Não sendo conhecido o parecer de Galeno sobre o assunto, é difícil afirmar de modo tão taxativo que a romã é benéfica no tratamento da doença:

Na mesma disputa (?), debate se são apropriadas ou não no pleuris e diz que Avicena quis [que assim fosse], mas não sei se Galeno rejeita ou não fortemente o uso de adstringentes no pleuris³⁸.

Quanto ao capítulo seguinte de Garcia Lopes, que não é uma carta, mas um *commentarius* dedicado à varíola³⁹, afirma Godines:

Na 5.^a epístola, ao abordar a varíola, trata a questiúncula de as escarificações serem convenientes nas crianças, e diz que não são, visto que o sangue

³⁷ Fol. 12r: *Ex quibus omnibus dissimulare non possum Aloisii Mundellae audaciam, qui epistola quadam sua Agathio iureconsulto scripta, Auicennae tacito nomine errorem uertit, qui pleuriticis mala punica exhibet, quasi hoc capitale sit illis, quod me facere ubique palam fateor, nec ob id me aliquo iure damnandum esse arbitror, praesertim cum dulcia granata passim exhibeo pleuriticis, quod ob dulcedinem quam habent, pectoris leniendi facultate pollent. Quis enim dulcia neget pectori conducere? Tamen etiam quia calida sunt, quodammodo sputis concoquendis apta sunt, concoctionem a calore fieri necesse est: uerum nec adeo calida sunt ut febrem augere possint, cum dulce omne calidum sit, non tamen immodice nostrum calorem exuperat. Quod si dicas propter astringentem uim, quam habent, pleuritidi aduersari, dicimus ad hoc quod immo propter illam uim astringentem magis pectoris musculos, et neruos roborari, pararique aptiores ad sputorum expulsionem, quam constringi. Certius est quam ut demonstrari debeat, expultricem neruorum facultatem, siccitate (qua constant modice astringentia omnia) roborari. At, cum malum punicum modice astringens sit, potius pectori conferet quam aduersabitur.*

³⁸ Fol. 125v: *In ea lite (?) disputat si conueniunt necne in pleurisi dicitque Auicennam uoluisse sed nescio an ne eum Galenus mire abhorreat usum astringentium in pleurisi.*

³⁹ Fols. 12r-19v: *Commentarius de uariolis, quae a nonnullis exanthemata dicuntur. Caput V.*

esposso das varíolas não está contido nas veias pequenas⁴⁰, mas o argumento é frívolo, porque o próprio apresenta outro tipo de evacuação que debilita menos as crianças⁴¹.

É verdade que Garcia Lopes sugere, para alívio do ventre, o recurso a clisteres, supositórios, canafistula, maná e outros medicamentos purgativos chamados *benedicta*, que deveriam ser preparados tendo em conta a idade, a robustez física e a quantidade de humor a evacuar⁴², contudo, também é certo que o tema do uso da sangria no tratamento de crianças era um *topos* amplamente discutido entre os autores médicos, sendo, por conseguinte, legítimo e compreensível que Lopes o tivesse incluído neste capítulo.

Na carta seguinte, discute-se a temperatura dos ventrículos cardíacos⁴³. Godines acusa, uma vez mais, Garcia Lopes de falta de originalidade na abordagem do tema, afirmando laconicamente:

Na 6.^a epístola analisa qual o ventrículo do coração mais quente, se é o direito ou o esquerdo. Tomou tudo da epístola de Brachelius⁴⁴.

⁴⁰ Fol. 17r: *Non esse scilicet pueris exercendam sanguinis missionem per scarificationem brachiorum, et crurum. Sanguis enim ille qui per illam educitur, subtilis admodum est, eo quod a minutissimis uenis, quas capillares appellant, uacuatur; non tamen qui crassus et foeculentus est, quem in uariolarum curatione uacuari opus est, cum secundum eiusdem Auicennae sententiam, uariolae generantur; aut ex menstruali nutrimento, aut ex cibis foeculentis, qui crassum admodum sanguinem efficiunt in pueris, eumque in uenis magnis non paruis inesse certum est, qui ut uacuetur; eas scindere oportet, non tamen paruas uenas. Venae enim sectio in pueris merito prohibetur; scarrificio autem, ut ostensum a nobis est, minime conuenit, sed haec parerga sunt.*

⁴¹ Fol. 125v: # *In 5^a epistola de uariolis agens tractat questiunculam an puerulis conueniant scarificationes dicitque non conuenire quia sanguis crassus uariolarum non continetur in uenis paruis sed friuola ratio quia det ipse aliud genus euacuationis quod puerulos minus imbecillitatet.*

⁴² Fol. 17v: *Praeter sanguinis missionis remedium, ad integram exanthemaum curationem, uti oportet etiam uentris lenitione clysmis uidelicet, et suppositoriis, deinde cassia distulari, et manna, et aliis medicamentis, quae benedicta dicuntur, quorum uorandi normam scribendam superfluum esse existimo, cum pro aetatis ratione, et uirium et humoris quantitate praeparari possunt medicamenta.*

⁴³ Fols. 19r-21v: *Sinum cordis sinistrum, dextro calidiorem esse contra Aristotelem. Caput VI.*

⁴⁴ Fol. 125v: # *In 6^a epistola tractat quis sit calidior, dexter an sinister uentriculus cordis. Sumpsit omnia ex epistola Brachelii.*

Esta acusação não corresponde inteiramente à verdade. De facto, Aristóteles, em *De partibus animalium*, livro 3, afirmara que a parte direita do corpo humano, por conter mais sangue, seria mais quente do que a esquerda, pelo que o ventrículo direito do coração seria, consequentemente, mais quente do que o esquerdo. Galeno, por sua vez, havia defendido em vários passos da sua obra que o ventrículo esquerdo do coração era mais quente, em particular, no segundo livro do tratado *De temperamentis*. Em meados do século XVI, mais precisamente, em 1547, Jérémie de Dryvere (ou Hieremias Thriverius Brachelius, 1504-1554), médico e professor de medicina em Lovaina, nos seus comentários à obra galénica, veio expressar o seu desacordo com Galeno, defendendo que o ventrículo esquerdo, em virtude do movimento contínuo, era mais frio do que quente, já que esse movimento arrefecia mais do que aquecia⁴⁵. Esta tese contrariava o que Leonhart Fuchs, seu antigo discípulo, ousaria defender nos seus comentários ao tratado *De inaequali intemperie* de Galeno, publicados em 1550, ou seja, que o movimento contínuo do coração, ao invés de o arrefecer, aumentava o seu calor⁴⁶.

Uma década depois, Garcia Lopes (1564), no capítulo em que reflete sobre tão complexa questão, não apenas nos dá conta da contenda entre mestre e discípulo, como toma posição. Aludindo a uma carta escrita por Jérémie de

⁴⁵ Dryvere 1547: 374-375: *Contra Aristoteles [Galenus] hunc frigidiorum aestimat, nescio ob quam causam. Nam quod spiritus in hunc potius quam dextrum attrahitur, calidiorum arguit, tantum abest, ut frigidiorum demonstret. Quippe ob eam causam huc attrahitur, quia eius refrigerio magis eget, non tamen ob hoc uniuersa corporis sinistra parte est calidior, non etiam intensius, ut uocat, sed dextra, quoniam liberaliore sanguine affunditur, ac plura uiscera calida obtinet, nec secus quam sinistra pars spiritu uitali oppletur. Ex motu eius arguitur, quod maxime spirituosum sanguinem contineat. Verum an motus ipsum potius incalfaciat, quam refrigeret, ipse uiderit. Potius enim refrigerare uidetur.* Existe uma primeira edição destes comentários, do ano de 1535, que não nos foi possível consultar: *Hieremiae Thriueri Brachelii Artium & Medicinae professoris in tres libros Galeni de temperamentis, & unum de inaequali intemperie commentarii quatuor, nequaquam ex aliis collecti, sed propriis rationibus instructi.*

⁴⁶ Fuchs 1550: 6v-7r (*De inaequali intemperie*, cap. 7): *Quod autem sinus cordis sinister calidior sit dextro, Galenus itidem libro 2 de Temperamentis, capite 4 in eum scribens testatur. Calidior uero, ait, non modo his, sed etiam omnibus plane corporis particulis. [...] Huius [sc. Cordis] siquidem motus, ut etiam arteriarum, nunquam sane intermittitur. Motum autem calorem excitare quis est qui ignorat? Nemo sane praeter Brachelium, quem aduersus iudicium, omnemque rationem, hoc in loco cor ex motu potius refrigerari afferere nihil pudet.*

Dryvere a Jacques Savage em 1551⁴⁷, na qual o primeiro aproveita o ensejo para invetivar e responder às críticas acérrimas de Fuchs, Lopes assume querer defender o mestre belga das acusações do temerário discípulo⁴⁸. Tal como Galeno e todos os seus seguidores, considera o portalegrense que o ventrículo esquerdo é mais quente do que o direito, mas, ao invés de Fuchs, não acredita que o movimento contínuo do coração o aqueça, antes pelo contrário, crê que o arrefece⁴⁹. Por conseguinte, em nosso entender, Godines revela parcialidade na avaliação do problema. Com efeito, Garcia Lopes não havia tomado tudo de Brachelius.

Na décima quarta carta, Garcia Lopes responde a uma questão controversa: se o vinho ingerido em jejum é benéfico⁵⁰. A dúvida assaltara o destinatário da carta de Lopes, que, no decorrer de um jantar, ouvira certo médico da Bretanha defender que a toma de vinho em jejum seria prejudicial à saúde. Para responder à dúvida colocada pelo seu correspondente, afirma o médico alentejano:

⁴⁷ Esta missiva surge apenas aos comentários de Jérémie de Dryvere aos *Aforismos* de Hipócrates (cf. Dryvere 1551). Eis as palavras virulentas aduzidas pelo autor em sua defesa: *Non pacuit mihi, quod Galenus sinistrum cordis uentriculum, dextro calidiorem colligat, ex eo quod continue moueatur, quando is motus mihi magis refrigerare, quam incalefacere apparet. Hic Leonhardus exurgit, et contra pertinacer omnem motum incalefacere contendit. Nescio profecto an maiori inuidia, an crassiore ignorantia.*

⁴⁸ Fols. 20r-21r: *Quod tamen sensu tactus deprehendatur cordis sinistrum uentriculum calidiorem esse, nec a ratione alienum est, cum sensus tactus calidi et frigidi corporis index sit, auctore Galeno 2 libro de Temperamentis. Quod etiam calidissimus sit, bifariam monstratur: quod scilicet tenuissimum sanguinem contineat, et moueatur perpetuo. Nec tamen hinc tibi persuadeas motum hunc calorem excitare, ut Leonardus Fuchsius [...]. Brachelius tamen, qui recte didicit motum illum cordis sinistri uentriculi, refrigerare illum potius quam calefacere. Non erubuit iterum eandem fateri sententiam in epistola quadam ad Iacobum Sauuagium, ubi modeste, et non sine grauitate conuitiis respondet Leonardi Fuchsii.*

⁴⁹ Fols. 20v-21r: *Nec tamen hinc tibi persuadeas motum hunc calorem excitare, ut Leonardus Fuchsius [...] in suis commentariis libri Galeni de Inaequali intemperie arbitratus est, sed quod calidissimus est uentriculus cordis sinister, eo mouetur perpetuo, ut uidelicet motu illo, quem pulsum appellamus, refrigeretur [...]. Dic etiam, quod dicimus motu illo perpetuo cordis uentriculum sinistrum frigidum fieri, hoc est uentilatione non solum cordis sinistra pars frigefit, uerum et ipsum totum cor, quamuis tamen, propter continuum motum uentriculus sinister, ipse magis refrigeratur, eoque quod calidior est perpetuo mouetur, ut, scilicet illo motu refrigeretur, ac contemperetur, ut superius diximus.*

⁵⁰ Fols. 47r-48v: *An uinum ieiuno uentriculo conferat ad Hieronymum Baleiam doctissimum uirum. Caput XIII.* Esta carta foi objeto da nossa análise num estudo publicado recentemente. Vide Oliveira 2020: 104-107.

Todavia o vinho, que aqui discutimos, se for consumido com o estômago em jejum, é bastante prejudicial e contrário à natureza, pois tolhe e enfraquece o vigor do espírito, e, tal como afirma Galeno no comentário 28 do livro 6 dos *Aforismos*, é a via mais direta para a gota. Tal parece acontecer porque o vinho, pela sua própria natureza, isto é, pelo seu calor e tenuidade, facilmente penetra na substância dos membros, os quais também o atraem para si, percorre, muito velozmente, os membros do corpo e transporta consigo as superabundâncias da digestão anterior, que ficaram retidas na parte inferior do estômago para uso proveitoso da natureza, e que estão na origem da gota⁵¹.

E que observações tem Godines a fazer sobre esta abordagem do tema? Uma vez mais, que Garcia Lopes poderia ter ido mais longe. Eis a sua avaliação:

Na 14.^a epístola discute se o vinho é nocivo para o estômago em jejum, mas nada trata digno de ser lido. Era necessário que tivesse dito que o vinho, quando é forte, é nocivo para muitos indivíduos: na primeira instância da atividade vital, porque tolda o raciocínio, tanto mais quando o corpo está em jejum, muito mais quando os meatos estão abertos. Em segundo lugar, ataca as articulações e predispõe-nas para a podagra, porque, se é forte, transporta os excrementos⁵².

Cotejadas as considerações de ambos os autores, fica a sensação de que a avaliação de Godines é parcialmente injusta, na medida em que Garcia Lopes não deixou de referir que a ingestão de vinho em jejum é potenciadora dos males da gota e perturbadora da capacidade pensante.

⁵¹ Fol. 48r: *Vinum tamen, cuius nobis hic sermo est, si uentriculo ieiuno sumatur, perniciosum admodum est, et naturae inimicum, animi enim uigorem impedit, ac hebetat, et (ut Galenus commentario 28 aph. Libro 6 ait) ad articulorum morbos rectissima est uia; quod ob id euenire uidetur, quod cum uinum suapte natura, calore uidelicet suo, et subtilitate, facile in substantiam membrorum, quae illud etiam ad se attrahunt, uelocissime ad corporis membra permeat, secumque affert praeteritae concoctionis superfluitates, quae in inferiori uentriculi parte reseruantur, ad utilem naturae usum, a quibus articularis morbus ortum habet.*

⁵² Fol. 110v: *In 14^a epistola disputat an uinum sit noxium in ieiuno uentriculo sed nihil attingit dignum lectu. Oportebat dixisse quod uinum si potens est nocet multis hominibus, in primum animalis actionis quia cerebrum tentat magis dum ieiuno est corpus potissime magis peruii sunt meatu. Secundo laedit articulos et parat eos ad podagram quia si potens est defert excrementa.*

O vinho, contudo, em determinadas circunstâncias, poderia não ser prejudicial, muito pelo contrário. Numa clara alusão à teoria humoral, Garcia Lopes refere, na mesma missiva, que o vinho, sendo um alimento quente por natureza, poderia ser eficaz no tratamento de indivíduos cujo estômago carece de calor natural, ou seja, que é frio:

Seja como for, pode acontecer que o vinho tomado em jejum não seja prejudicial àqueles em que, por força do labor físico, as superabundâncias que referimos foram consumidas e, de certo modo, secas, e seja até francamente salutar, sobretudo para aqueles que têm um estômago frágil e falta de calor natural, contanto, porém, que não sejam abundantes em pituita⁵³.

Nisto, Godines é obrigado a concordar com Lopes:

Por outro lado, é consistente a sua objeção no que tange à faculdade do medicamento. Com efeito, de quando em vez, toma-se um pouco de vinho com o estômago em jejum para garantir a robustez do ventre, assim como um trago de água-ardente. Livro 2.º, aforismo 21.º ⁵⁴.

Por vezes, as críticas de Godines sobre o livro de Garcia Lopes assumem um tom escarninho. Leia-se, a título de exemplo, o que afirma a propósito da décima sexta carta⁵⁵:

Na 16.ª epístola – podes rir-te – comprova que os vinhos brancos humedecem, baseado no facto de serem dados a beber nas doenças melancólicas para humedecer⁵⁶. Mas por que razão o usam os cirurgiões nos seus ferimentos

⁵³ Fols. 48r-48v: *Quae cum ita habeant, fieri potest ut his, quibus ob laborem, hae, quas diximus, superfluitates consumptae, et quodammodo siccatae sunt, uinum ieiune sumptum non omnino officiat, immo prosit ingenue praecipue illis, qui imbecillum habent uentriculum, et caloris natiui expertem, dum modo tamen pituita non abundant.*

⁵⁴ Fol. 110v: *Obiectio autem illius ualeat ui medicamenti. Assumitur enim quandoque paruum uini ad firmandum robur uentris ieiuno stomacho ut etiam haustus aquae uitae 2º aphorismo 21º.* O aforismo a que Godines alude é: *Famen uini potio soluit*, “Beber vinho sacia a vontade de comer.” (cf. Kühn 17b: 498-501).

⁵⁵ Fols. 52r-53r: *De uini albi facultate aduersus uulgarium opinionem, quae hucusque credit illud desiccandi uim habere. Caput XVI.* Este capítulo foi objeto do nosso estudo em Oliveira 2020: 107-108.

⁵⁶ Neste capítulo, Garcia Lopes volta a refletir sobre as propriedades do vinho, desta vez, do vinho branco. O autor diz pretender contrariar a ideia amplamente difundida de que

para secar? A resolução deste problema é esta: os vinhos brancos de Galeno, ou aquosos, humedeciam, enquanto os nossos a que agora chamamos brancos não são aquosos nem humedecem, antes secam bastante, talvez num grau superior. Com efeito, são mais quentes, sobem à cabeça. Vê o que escrevemos algures⁵⁷.

Considerações finais

Os excertos analisados neste estudo constituem uma amostra assaz representativa da vivacidade, acuidade e atualidade do debate científico travado no Portugal do século XVI, revelando como era feita, na prática, a receção e a discussão das questões de medicina teórica e prática nos círculos académicos e humanísticos mais credenciados, a partir do que se publicava nos grandes centros editoriais europeus. Jorge Godines não só tem acesso ao livro de Garcia Lopes, publicado em Antuérpia, como a um

o vinho é um alimento dessecativo: *Quis uinum album reliquis omnibus siccandi maiorem uim habere non fatetur? Quo nihil est mendosius*. “Haverá quem não defenda que o vinho branco tem maior poder dessecativo do que todas as outras bebidas? E, todavia, não existe nada mais falso.” (fol. 52v). Discordando da maioria, Garcia Lopes explica, depois, com exemplos, e numa clara alusão à teoria dos humores, o uso terapêutico deste alimento de origem vegetal: *Adde etiam, ut contra uulgares omnes confirmes hanc opinionem, quod scilicet album uinum humidum sit natura, non siccum. Omnes namque medici, qui morbos melancholicos curare aggrediuntur, sicut quartanam, melancholiam, et maniam, et id genus alios, uinum album propinare consueuerunt, quod non nisi humectandi gratia factum est; morbus melancholicus cum terrestris, ac siccus sit, per humectantia curari debet, sicut alii omnes, quorum per contrarium curationes sunt*. (52v). “Acrescente-se, ainda, para que se confirme esta opinião contra todas as do vulgo, que o vinho branco é húmido por natureza, e não seco. Com efeito, todos os médicos que iniciam o tratamento de doenças causadas pelo excesso de bilis negra, tais como a febre quartã, a melancolia e a mania, entre outras deste tipo, adotaram o hábito de dar vinho branco a beber, o que se ficou a dever tão-somente à sua faculdade de humedecer; a doença melancólica, sendo terrosa e seca, deve ser tratada com substâncias que humedecem, tal como acontece com todas as outras doenças cujas curas se alcançam pelo contrário.”

⁵⁷Fol. 110v: *In epistola 16^a, ride, probat alba uina humectare ex eo quod in morbis melancholicis ad humectandum propinantur. Sed quid quod chyrurgici ad exiccandum illo utuntur in suis ulceribus? Sed istius resolutio talis est: alba Galeni siue aquosa humectabant sed nostra quae modo alba appellamus non sunt aquosa nec humectant, sed mirum in modo exiccant forsitan excelsius. Calidiora enim sunt, tentant caput. Vide quae alias scripsimus*.

sem-número de obras antigas e contemporâneas que esgrime, com perfeito conhecimento de causa, no ataque deliberado ao livro do colega alentejano.

Ademais, o debate médico, patente nos passos comentados, ilustra sobremaneira a rivalidade científica (e até pessoal, como acontece, também, entre Brachelius e Fuchs ou entre Pietro Andrea Mattioli e Amato Lusitano⁵⁸) que separava Jorge Godines e Garcia Lopes. Importa sistematizar, pois, as diversas razões que subjazem às numerosas críticas lançadas pelo autor da *Summa quaedam eorum quae aduertimus in libello Garciae Lopii*, muitas das quais, em nosso entender, não totalmente justificadas. O médico portalegrense ora é acusado de reproduzir os temas e o pensamento de outros autores (cartas 1 e 10, L. Fuchs; 4 e 17, Amato Lusitano; 6, Jérémie de Dryvere ou Brachelius), ora é criticado por desviar o foco da discussão para tema diverso do expectável ou desejável (cartas 2, 3 e 7). Outra das críticas de que Lopes é alvo é a inutilidade das reflexões empreendidas e dos argumentos aduzidos, ou porque são simplesmente irrelevantes (cartas 5, 7, 8 e 14), ou porque já foram discutidos por autoridades na matéria (carta 15), ou porque são demasiado óbvios (carta 17). Porém, a acusação que Godines mais vezes dirige a Lopes é a sua falta de rigor na análise das questões médicas em discussão, seja por não investigar devidamente as fontes disponíveis e por analisar superficialmente os problemas, defendendo ideias sem as fundamentar bem (cartas 4, 9, 11 e 24), seja por interpretar errada ou abusivamente as fontes (cartas 4, 18 e 20).

Os textos trazidos à colação, quer de Garcia Lopes quer de Jorge Godines, confirmam que a matéria médica de Dioscórides e a medicina galénica constituem o objeto central de estudo da medicina renascentista. A polémica filológica – discussão e interpretação das fontes greco-latinas – é uma preocupação constante de ambos os autores. Lopes e Godines apresentam e discutem as diferentes teses que procuravam, à época, dar resposta aos problemas médicos suscitados, citando as fontes e apresentando os argumentos a favor ou contra as ideias e os conceitos debatidos. Evidencia-se, por conseguinte, o significativo valor documental da recensão crítica de Jorge Godines ao livro de Garcia Lopes, não só pelo que revela sobre os interesses e a atividade de ambos os intervenientes, como, também, pelo muito que manifesta sobre o diferente posicionamento dos médicos portugueses perante as matérias em discussão à época. Em suma,

⁵⁸ Leia-se Mattioli 2023.

os textos dissecados atestam, de forma singular, a produção, circulação e atualização do saber, e dos livros, entre a elite dos médicos portugueses em meados do século XVI.

Arquivos

ANTT: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Évora, Proc. n.º 171.
<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2362211>

BNP: Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa, Portugal), Cód. 7198, ff. 110r-111r; 125v.

Bibliografia

Fontes

Amato Lusitano (1553), *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros Quinque Enarrationes Eruditissimae Doctoris Amati Lusitani medici ac philosophi celeberrimi, quibus non solum Officinarum Seplasiariis, sed bonarum etiam literarum studiosis utilitas adfertur, quum passim simplicia Graece, Latine, Italice, Hispanice, Germanice, et Gallice proponantur*. Venetiis: [apud Gualterum Scotum].

Amato Lusitano (1567), *Amati Lusitani medici physici praestantis. Curationum Medicinalium, Centuriae II Priores, quibus praemittitur Commentatio de introitu medici ad aegrotantem, de Crisi, et diebus Decretoriis, cum indice rerum memorabilium copiosissimo*. Lugduni: apud Gulielmum Rouillium, sub scuto Veneto.

Cardano, Girolamo (1548), *Hieronymi Cardani medici Mediolanensis Contradictentium Medicorum Liber Primus. Continens Contradictiones centum et octo*. Lugduni: apud Seb[astianum] Gryphium.

Dryvere, J. de (1547), *Hieremiae Thriueri Brachelii Noui et Integri Commentarii in omnes Galeni libros de Temperamentis*. Lugduni: apud Gulielmum Rouillium.

Dryvere, J. de (1551), *Hieremiae Thriueri Brachelii Commentarii in VII libros Aphorismorum Hippocratis*. Lugduni: apud haeredes Iacobi Iuntae.

Dubois, J. (1540), *Claudii Galeni Pergameni in Hippocratis librum de Natura hominis commentarius, Ioanne Guinterio Andernaco interprete. Accesserunt Iacobi Syluii Medici scholia multo quam prius locupletiora*. Parisiis: ex officina Christiani Wecheli, sub scuto Basiliensi, in uico Iacobaeo et sub Pegaso, in uico Bellouacensi.

- Dubois, J. (1549), *Ratio Medendi morbis internis prope omnibus, Medicinae candidatis non exiguae commoditati futura, e Galeni scriptis, et Marci Gattinarie (ut uocant) Practica. Per Iacobum Syluium accurate selecta et in non inuenustam eamque dilucidam Methodum redacta: cui breuis accessit Index eorum, quae scitu necessaria sunt.* Lugduni: [apud Guilielmum Rouillium].
- Fuchs, L. (1545), *Hippocratis Coi medicorum omnium sine controuersia principis Aphorismorum sectiones septem recens e Graeco in Latinum sermonem conuersae... Per Leonhartum Fuchsium Scholae medicae Tubingensis professorem publicum.* Parisiis: apud Ioannem Lodoicum Tiletanum, ex aduerso Collegii Remensis.
- Fuchs, L. (1550), *Claudii Galeni Pergameni, medicorum facile principis, aliquot opera, a Leonhart Fuchsio Tubingensis scholae professore medicinae publico, Latinitate donata, et Commentariis illustrata. De inaequali intemperie Liber. De differentiis et causis morborum, symptomatumque Libri. De iudiciis Libri. De Curatione per sanguinis missionem Liber.* Parisiis: apud Arnoldum Birckman, et Iacobum Dupuys, uia ad D. Ioannem Lateranensem, e regione collegii Cameracensis, sub signo Samaritanae.
- Fuchs, L. (1554), *Claudii Galeni Pergameni, medicorum facile principis, de Temperamentis libri tres, De differentiis febrium libri duo a Leonharto Fuchsio in Tubingensi schola professore medicinae publico, latinitate donati, et commentariis illustrati. Tomus secundus.* Parisiis: apud Iacobum Dupuys, uia ad D. Ioannem Lateranensem, e regione collegii Cameracensis, sub signo Samaritanae. Cum Gratia et Priuilegio.
- Galeno (1821-1833), *Claudii Galeni Opera Omnia.* Editionem curauit D. Carolus Gottlob Kühn Professor Physiologiae et Pathologiae in Literarum Uniuersitate Lipsiensi Publicus Ordinarius etc. Lipsiae: prostat in Officina Libraria Car[rolum] Cnoblochii.
- Giacchini, L. (1551), *Hieremiae Thriuerii Brachelii Commentarii in VII Libros Aphorismorum Hippocratis.* Lugduni: apud haeredes Iacobi Iuntae (Cum priuilegio Regis, ad decennium).
- Giacchini, L. (1625), *Leonardi Iacchini Emporiensis, Medici clarissimi... Methodus Curandarum Febrium per Rodericum Fonsecam... Cui accessere eiusdem Fonsecae, quae ad operis de Febribus absolutionem desiderabantur. Opus, si quod aliud unquam, Medicinae Studiosis utilissimum...* Basileae: sumptibus Ioan[nis] Iacobi Genathii.
- Lopes, G. (1564), *Garciae Lopii Commentarii de uaria rei medicae lectione, Medicinae Studiosis non parum utiles. Quorum Catalogum ab Epistola sequens pagella indicabit.* Antuerpiae: apud Viduam Martini Nutii, Cum Gratia et Priuilegio.

- Manardo, G. (1549), *Ioannis Manardi Medici Ferrariensis, omnium sua tempestate Medicorum, citra controuersiam, Doctoris eminentissimi, Epistolarum Medicinalium Libri XX. Eiusdem in Ioan. Mesue Simplicia et Composita Annotationes et Censurae, omnibus practicae studiosis summe necessariae*. Lugduni, ex officina Godefridi et Marcelli Beringorum fratrum.
- Mattioli, P. A. (2023), *Defesa contra o Português Amatho*. Transcrição, tradução do texto latino e posfácio de António Guimarães Pinto; anotações, comentários e índices científicos de Jorge A. R. Paiva. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2023 (Portugaliae Monumenta Neolatina, vol. XXVII). DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2287-3>

Estudos

- Carvalho, A. S. (1930), “Notícia sobre Alguns Médicos Judeus do Alentejo” (Separata do *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*). Lisboa: Tipografia do Comércio.
- Castro, I. O. (2011), “Prática Médica e Alimentação nos Textos Portugueses Seiscentistas”, in P. F. Costa & A. Cardoso (coords.) (2011), *Percursos na História do Livro Médico. 1450-1800*. Lisboa: Edições Colibri, 73-91.
- Correia, A. N. M. (2018), *A Inquisição Portuguesa em face dos Seus Processos*. Vol. 2. Lisboa: Edições Ex-Libris.
- Henriques (da Carnota), G. J. C. (1898), *Inéditos Goesianos*, vol. 2. Lisboa: Typographia de Vicente da Silva.
- Maclean, I. (2008), “The Medical Republic of Letters before the Thirty Years War,” *Intellectual History Review* 18: 15–30.
- Maclean, I. (2009), *Learning and the Market Place: Essays on the History of the Early Modern Book*. Leiden: Brill.
- Martinho, B. A., & Andrade, A. M. L. (2022), “In Search of the Unicorn’s Virtue in a Rhino Horn Cup: Consumption of Rhino Horns and the Production of Knowledge in Early Modern Lisbon”. *Early Science and Medicine* 27(6): 572-600. <https://doi.org/10.1163/15733823-20220059>
- Mendes, J. C. (1993), “O Livro *Commentarii de Varia Rei Medicae* (Antuérpia, 1564) de Garcia Lopes”, in *A Universidade e os Descobrimentos. Colóquio promovido pela Universidade de Lisboa*. Lisboa: CNCDP/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 267-290.
- Oliveira, E. M. R. de (2020), “A prescrição de alimentos de origem animal e vegetal nos comentários médicos de Garcia Lopes”, in J. A. R. S. Tavim, H. Martins, A. P. Ferreira, A. S. B. Coutinho & M. Andrade, *As diásporas dos judeus e cristãos-novos de origem ibérica entre o mar mediterrânico e*

o oceano atlântico. Estudos. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 95-116.

- Oliveira, E. M. R. de (2022), “Amato Lusitano, Garcia Lopes e as propriedades terapêuticas da romã”, in A. M. L. Andrade, S. A. Gomes & M. de F. Reis (coords.), *Diálogos Luso-Sefarditas* (Suplemento n.º 6 da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*). Aveiro: UA Editora – Universidade de Aveiro, 108-132. https://projectgynecia.uma.pt/wp-content/uploads/2022/06/04_Emilia_Oliveira.pdf
- Pérez Ibáñez, M. J. (1997), *El humanismo médico del siglo XVI en la Universidad de Salamanca*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico, Universidad de Valladolid.
- Pérez Ibáñez, M. J. (2008), “¿Humanistas médicos en la Universidad de Salamanca? (siglo XVI)”, in *Res Publica Litterarum*. Documentos de trabajo del Grupo de Investigación ‘Nomos’ (Suplemento Monográfico *Tradición Clásica y Universidad, Siglos XV-XV*, 2008, n.º 22), Madrid: Universidad Carlos III de Madrid, 3-15.
- Pinto, A. G. (2020), “Achea para uma antologia de médicos latinistas portugueses: Garcia Lopes e D. Sebastião”, in A. Rebelo & M. Miranda, *O Mundo Clássico e a Universalidade dos seus Valores*, vol. II. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 139-149.
- Pomata, G. (1996), “*Observatio ovvero historia*: Note su empirismo e storia in età moderna,” *Quaderni Storici* 31: 173– 98.
- Pomata, G. (2005), “*Praxis Historialis*: The Uses of *Historia* in Early Modern Medicine,” in G. Pomata & N. G. Siraisi (eds.), *Historia: Empiricism and Erudition in Early Modern Europe*. Cambridge, MA: MIT Press, 105– 146.
- Siraisi, N. G. (2013), *Communities of Learned Experience. Epistolary Medicine in the Renaissance*. Baltimore: Johns Hopkins.

